

# PRÓXIMO DEMAIS PARA UMA NEGOCIAÇÃO CONFORTÁVEL COM COLEGAS POLICIAIS

por Sandra D. Terhune-Bickler, M.S.



Enquanto dirige para casa, seu celular toca. Você atende e ouve uma mulher chorando. Você a reconhece como a ex-esposa de seu amigo e colega policial Rob. A mulher pede que você venha porque Rob tem bebido e se trancou no banheiro com sua pistola particular e seu filho de 3 anos. Ela disse que ele fica gritando "não aguento mais ... não aguento mais ...". Embora não seja uma circunstância que qualquer integrante da polícia queira enfrentar, funcionários de todas as categorias precisam se preparar para saber como lidar, supervisionar ou delegar esse tipo de situação. Os incidentes que requerem negociações de crise geralmente são difíceis, altamente emocionais, embaraçosos e perigosos. Quando a pessoa em crise é um colega, as emoções de todos os envolvidos são profundamente afetadas. Embora a maioria dos departamentos policiais tenham equipes especializadas de negociação de crises/reféns, os membros das polícias podem tentar resolver o problema por conta própria porque o indivíduo em crise pertence ao seu departamento. Tanto o policial colocado na posição de atirador pode usar força letal quando o suspeito barricado é um colega da equipe de armas especiais e táticas (SWAT) do departamento, quanto o comandante que colocou o policial nessa posição de atirador enfrentam situações difíceis.



A policial Terhune-Bickler serve no Departamento de Polícia de Santa Monica, Califórnia, é negociadora de crise e coordena o programa de apoio de colegas do departamento.

## **Pesquisa**

Embora pesquisas publicadas limitadas estejam disponíveis sobre policiais que negociam com outros policiais, ocorrem negociações de crise envolvendo policiais. De acordo com o *Hostage and Barricaded Database System* (HOBAS) do FBI, 22 incidentes envolvendo um policial barricado ou suicida foram relatados nos Estados Unidos entre 1995 e 2002.<sup>1</sup> Desses 22 incidentes relatados, 3 resultaram em suicídios. No entanto, os incidentes de suicídio de policial pode ocorrer com mais frequência do que o número realmente relatado. Algumas das razões mais comuns para suicídios entre as autoridades policiais incluem problemas de relacionamento, problemas jurídicos, problemas psicológicos e estresse relacionado ao trabalho.<sup>2</sup>

Recentemente, a autora entrevistou vários negociadores de crise do FBI e dos departamentos da polícia e do Xerife em Los Angeles e San Diego, Califórnia, a respeito de suas experiências com incidentes envolvendo policiais.<sup>3</sup> Esses negociadores relataram que haviam experimentado ou tomado conhecimento de um incidente em sua agência envolvendo um policial suicida ou barricado. Alguns dos entrevistados negociaram com um policial em crise de outros departamentos e outros negociaram com membros de sua própria agência. Um dos entrevistados relatou ter negociado com um familiar, embora o policial em crise não soubesse a identidade do negociador. Os resultados das entrevistas mostraram que negociar com outro policial não constitui um fenômeno, mas, sim, uma questão que os departamentos policiais devem enfrentar e lidar.

Na tentativa de proteger os colegas policiais de constrangimento ou possível ação disciplinar, alguns policiais tentam resolver a situação de forma particular, mesmo que secretamente. O policiais suicidas, como em violência doméstica praticado por policiais, não é um tópico discutido confortavelmente.<sup>4</sup> Para os policiais admitirem que se sentem suicidas ou têm problemas domésticos, é quase o mesmo que admitir que perderam o controle. Em uma profissão que espera que seus membros estejam sempre no controle, a polícia pode ser implacável ou mal preparada para lidar com a admissão de um policial sobre problemas pessoais ou interpessoais.

Isso não significa que incidentes de crise envolvendo policiais poderiam ser evitados se a cultura policial se tornasse mais receptiva às vulnerabilidades entre seu próprio pessoal. Em vez disso, é importante reconhecer que essas situações ocorrem e que o pessoal dos departamentos policiais deve estar ciente de como melhor responder a esse telefonema inesperado e temido.

### **A Resposta Adequada**

Ao responder a um incidente, a maioria dos policiais provavelmente diria que age de forma tática, lógica e compassiva. No entanto, a resposta deles seria a mesma se o indivíduo fosse um colega policial? Talvez o respondedor considere usar o nível mais baixo de intervenção com um colega, tentando envolvê-lo em uma conversa.<sup>5</sup> Isso pode ser uma opção viável quando um baixo nível de intervenção pode resolver uma situação particular. Por esse motivo, as agências devem ter um programa de apoio de colegas bem respeitado que incentive os funcionários a ligar para um colega de trabalho para obter referências e recursos de saúde mental. No entanto, quando o policial em perigo precisa de uma intervenção mais imediata em caso de crise, colegas bem-intencionados podem se ver em uma situação avassaladora.

Ao lidar com um policial em crise, o policial respondedor deve determinar qual agência ligar primeiro, a agência em que o policial em crise está lotado ou a agência mais próxima da localização do policial em crise. Embora a resposta certa possa parecer óbvia, a agência em que ele está lotado pode responder, mesmo que o incidente não tenha ocorrido em sua jurisdição. Na tentativa de subjugar a crise, os tomadores de decisão podem se colocar em situações para as quais estão perigosamente despreparados. A segurança do policial deve ser desconsiderada porque o indivíduo suicida é um colega da polícia? O *suicide by cop* não se aplica apenas a civis. Proteger um colega policial de constrangimento potencial é uma razão adequada para não notificar a agência jurisdicional quando uma intervenção tática é necessária?

Se o policial em perigo mora na cidade onde trabalha, a resposta ética deve ocorrer como ocorreria em qualquer incidente crítico padrão. É fácil especular sobre a maneira certa de responder, mas é mais difícil supor o que realmente ocorreria. Os policiais podem achar difícil responder a uma situação de crise se tiverem um interesse pessoal nela (ou seja, um membro da família, amigos ou colega que está em crise). Os comandantes das agências a que pertence e jurisdição devem participar do processo de tomada de decisão e assumir a responsabilidade caso a força letal seja necessária. Nessa circunstância, a ajuda mútua reforça a objetividade na resposta tática e no procedimento. As agências devem ter planos de contingência, como acordos de ajuda mútua, no caso de uma intervenção tática parecer provável; pedir ajuda não é admitir a incapacidade de lidar com uma situação. Por exemplo, os agentes do FBI são membros regulares da equipe de negociação de crises do Departamento de Polícia de San Diego, Califórnia. Embora nenhum policial deva ter que usar força letal contra outro, continua sendo uma possibilidade infeliz.

## Decisões de Negociação

Se o policial em perigo desejar falar apenas com uma pessoa específica, as agências devem colocar essa pessoa ao telefone? O negociador de crise deve ser alguém que o policial em crise conhece? Algumas agências policiais não têm outra escolha. Uma das vantagens de permitir que um colega fale com o policial em crise é o *rapport* já estabelecido entre eles, o que pode ajudar o policial em dificuldades a se sentir mais confortável e compreendido. Se estiver lidando com a negociação internamente, as informações sobre o policial são facilmente acessíveis. Além disso, quando a agência do policial angustiado lida com as negociações, pode ter fácil acesso a terceiras pessoas intermediárias (TPI) que poderiam se comunicar com esse policial.<sup>6</sup>

No entanto, às vezes ocorrem problemas quando a agência do policial em crise responde. Embora muitas agências tenham equipes de negociação de crise, os administradores de nível superior podem negligenciar o seu uso - eles podem tentar resolver a situação por conta própria. Semelhante aos cidadãos que encontram um parente angustiado ou suicida, membros bem-intencionados da polícia às vezes permitem inadvertidamente que suas emoções interfiram em seu julgamento, o que pode resultar em erros e tragédias. Por exemplo, se o policial em crise vê o departamento como a fonte do problema, ele pode perceber o negociador como "um deles." Além disso, o policial em crise pode ficar com vergonha de falar com alguém que conhece. Porque ele entende os procedimentos departamentais, ele pode não confiar nas promessas dos supervisores. De forma realista, ao negociar com um membro da polícia, os interventores devem presumir que o policial em crise está armado, tornando possível o suicídio ou um *suicide by cop*.

<b>Negociando com Colegas Policiais</b>	
<b>Dinâmica da Negociação de Apoio</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• O <i>rapport</i> já pode ser estabelecido; policiais em crise são conhecidos e conhecem o negociador</li><li>• Fácil de obter informações sobre policiais em crise</li><li>• O negociador pode ser capaz de relacionar problemas/temas comuns com policiais em crise</li><li>• As terceiras pessoas intermediárias são conhecidas e facilmente controladas</li><li>• Manter o problema internamente pode dar aos policiais em crise a ilusão de que "não é grande coisa"</li></ul>	<b>Dinâmicas de Negociação Prejudiciais</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Os policiais em crise podem ver o departamento como a fonte do problema</li><li>• Os policiais em crise percebem o negociador como "um deles"</li><li>• Os policiais em crise têm vergonha de falar com alguém que conhecem</li><li>• O negociador pode ser muito ligado emocionalmente para ser objetivo/eficaz</li><li>• Os policiais em crise sabem o que o departamento vai entregar</li><li>• O suicídio é uma grande possibilidade</li><li>• Os policiais em crise podem estar armados</li><li>• O negociador é uma vítima secundária se a resolução terminar em morte</li></ul>

## Conclusão

Determinar e conduzir uma resposta apropriada a situações que envolvem policial em crise pode ser um fardo, mesmo para gerentes experientes. Os líderes de equipe e comandantes de departamento devem garantir que estão preparados para lidar com a vitimização secundária de seus policiais ao lidar com uma situação suicida ou de barricada envolvendo um de seus próprios colegas.

Como as negociações de crise podem ser um processo difícil e emocionalmente desgastante, as equipes de negociação devem consultar profissionais de saúde mental. Quando o indivíduo em crise é um policial, as regras permanecem as mesmas, mas as perdas podem ser mais trágicas, além de eternas. Além disso, as agências devem tirar vantagem das relações de ajuda mútua. Além dos recursos combinados de ambas as agências, esta aliança elimina os negociadores de ter que negociar com um colega policial de seu próprio departamento.<sup>7</sup> Ao estabelecer um determinado protocolo para esses trágicos incidentes, as agências estarão mais bem preparadas se, infelizmente, negociarem com um dos seus próprios torna-se necessário.

## Notas

<sup>1</sup> Based on statistics from the FBI's HOBAS database, 2002.

<sup>2</sup> Michael G. Aadmodt and Nicole A. Stalnaker, "Police Officer Suicide: Frequency and Officer Profiles," in Donald C. Sheehan and Janet I. Warren, eds., U.S. Department of Justice, Federal Bureau of Investigation, *Suicide and Law Enforcement* (Washington, DC, 2001), 383-398.

<sup>3</sup> The author interviewed several law enforcement officers from these agencies. Due to liability issues, interviewees agreed to share their experiences but requested that their names and identifying information of the in-crisis officers remain anonymous.

<sup>4</sup> For additional information, see Donald C. Sheehan, ed., U.S. Department of Justice, Federal Bureau of Investigation, *Domestic Violence by Police Officers* (Washington, DC, 2000); Ronald D. Lott, "Deadly Secrets: Violence in the Police Family," *FBI Law Enforcement Bulletin*, November 1995, 12-16; Thomas E. Baker and Jane P. Baker, "Preventing Police Suicide," *FBI Law Enforcement Bulletin*, October 1996, 24-27; and Paul Quinnett, "QPR: Police Suicide Prevention," *FBI Law Enforcement Bulletin*, July 1998, 19-24.

<sup>5</sup> For clarity and illustrative purposes, the author refers to all in-crisis officers as males.

<sup>6</sup> M. J. McMains and W.C. Mullins, *Crisis Negotiations: Managing Critical Incidents and Hostage Situations in Law Enforcement and Corrections*, 2d ed., (Cincinnati, OH: Anderson Publishing Co., 2001). For more information on third-party intermediaries, see Steven J. Romano, "Third-Party Intermediaries and Crisis Negotiations," *FBI Law Enforcement Bulletin*, October 1998, 20-24.

<sup>7</sup> Lieutenant Jim Barker, San Diego, California, Police Department, interview by author on December 4, 2002.

Disponível em: <https://leb.fbi.gov/file-repository/archives/april04leb.pdf>. Acesso em 10 maio 2004. Traduzido por Onivan Elias de Oliveira – Cap PMPB.